**LEITURA GEOGRÁFICA DA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”: O ESTUDO DA MOBILIDADE ESPACIAL NO NORDESTE**

Anny Catarina Nobre de Souza

Estudante do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Profa. Maria Elisa Albuquerque Maia (CAMEAM).

Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e voluntária do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

E-mail: [anny-catarina13@hotmail.com](mailto:anny-catarina13@hotmail.com)

Sérgio Domiciano Gomes de Souza

Estudante do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Profa. Maria Elisa Albuquerque Maia (CAMEAM).

Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e voluntário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

E-mail: [sergio\_gsousa@hotmail.com](mailto:sergio_gsousa@hotmail.com)

Josué Alencar Bezerra

Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Profa. Maria Elisa Albuquerque Maia (CAMEAM).

E-mail: [josueabezerra@gmail.com](mailto:josueabezerra@gmail.com)

**RESUMO**

A Geografia, ciência do espaço, trata da relação da sociedade com a natureza, o que torna importante nesta relação o uso da interdisciplinaridade para melhor compreendê-la. Neste ensejo, a conexão entre Geografia e Literatura aparece como possiblidade de interpretar a organização do espaço geográfico em uma linha espaço-temporal, por meio da narrativa. Assim, o presente trabalho tem por objetivo estudar e discutir a obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, no estudo da migração, em particular, dos nordestinos. Para tanto, temos como embasamento, as reflexões teóricas de Ojima e Fusco (2014), Cândido (2004), Damiani (1991), Ab’Saber (2003) e Melo Neto (2007). Nesta perspectiva, o trabalho se apresenta como sendo de natureza histórica por visar o entendimento acerca de acontecimentos passados (PRODANOV; FREITAS, 2013); qualitativa, por visar o entendimento do fenômeno a ser estudado, e também explicativo, pois apresenta reflexões acerca dos aspectos inerentes à mobilidade espacial da população. Dessa forma, o trabalho possibilita compreender a mobilidade espacial da população nordestina, considerando não apenas os termos quantitativos do montante dessa massa migratória sequer a descrição dos fluxos, mas também a realidade social destes cidadãos e os fatores de repulsão e atração que configuram o processo de mobilidade da população no espaço geográfico, por meio da literatura regionalista.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura. Geografia. Migração. Morte e Vida Severina.

**INTRODUÇÃO**

No ensino atual, é necessário utilizar recursos que possibilitem uma melhor aplicação dos conteúdos. Na Geografia o uso interdisciplinar de linguagens como a literatura se apresenta como ferramenta de compreensão da realidade espacial.

Nesse sentido, o presente trabalho surge com o objetivo de fazer uma leitura geográfica da obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, com ênfase na mobilidade espacial da população nordestina. Desse modo, aproximando a literatura da Geografia como subsídio do entendimento crítico reflexivo dos fenômenos espaciais, conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular, para se desenvolver a leitura espacial os discentes devem ser estimulados a esta por meio da interdisciplinaridade com outras áreas, a exemplo como a própria Literatura (BRASIL, 2018).

A obra supracitada, do pernambucano João Cabral de Melo Neto, lançada em 1955, trata da trajetória do protagonista Severino, retirante sertanejo que migra do interior da Paraíba para a capital pernambucana em busca de melhores condições de vida em virtude da grande seca que assola a região. Narrada em versos, subdividida em dois momentos, no primeiro aborda a viagem de Severino até o Recife e, por fim, a vivência dele no litoral (MELO NETO, 1994). O poema está inserido no movimento artístico literário do modernismo brasileiro, mais especificamente na vertente regionalista, tendo sido adaptada ao cinema e outras formas de representação.

Por esse ângulo, caracterizamos este trabalho como sendo natureza histórica por visar o entendimento acerca de acontecimentos passados (PRODANOV; FREITAS, 2013) e de natureza qualitativa por realizar um estudo que condiciona a compreensão de um fenômeno humano extraído da obra, bem com explicativa por refletirmos sobre tal fenômeno a partir de temas da realidade social do nordeste brasileiro presentes na narrativa.

Dessa maneira, o *paper*[[1]](#footnote-1) encontra-se dividida em quatro seções: a primeira compreende uma discussão teórica acerca dos principais temas evidenciados na narrativa literária; a segunda consta de uma síntese da obra em questão; na terceira seção, alcança uma leitura geográfica, na qual apontamos passagens da obra e contextualizamos com base na associação do texto com a realidade espacial do semiárido nordestino; por fim, discutiremos o estudo da mobilidade espacial da população do nordeste, através da obra Morte e Vida Severina, com enfoque a este fenômeno populacional correlacionando-o no tempo que a obra foi escrita com o tempo presente, bem como enfatizando a significância de trabalhar essa produção literária na Geografia escolar.

Para tanto, utilizamos como embasamento teórico, as reflexões de Ab’Saber (2003), Becker (2006), Cândido (2004), Damiani (2008), Fusco e Ojima (2014), Melo Neto (1994), Sakamoto (2002) e Stédile (2000) como também observando as orientações da BNCC (BRASIL, 2018).

**1. Morte e Vida Severina: uma síntese**

A obra “Morte e Vida Severina”, publicada em 1955, do pernambucano João Cabral de Melo Neto, faz parte do movimento artístico literário do modernismo brasileiro, caracterizado pelo toque regionalista com que muitos autores deste momento empregaram em seus escritos. O texto literário insere-se ainda na fase deste movimento conhecido como “geração 45”

Trata da trajetória do protagonista Severino, retirante sertanejo que migra do interior da Paraíba para a capital pernambucana em busca de melhores condições de vida, em virtude da grande seca que assola a região. Narrada em versos, apresenta uma linguagem coloquial com traços da região Nordeste, sendo dividida em dois momentos: no primeiro aborda a viagem de Severino até o Recife e no segundo a vivência dele no litoral.

No instante que antecede sua chegada ao litoral, o personagem Severino tenta se identificar pessoalmente recorrendo a sua localização geográfica chamada de “serra da costela”, localizada nos limites da Paraíba, sendo na realidade, segundo Sakamoto (2002), a serra do Jacarará, no município de Poção no estado paraibano, nascente do Rio Capibaribe. Este rio, que banha o estado de Pernambuco é tomado como ponto de referência por Severino para trilhar pelo sertão pernambucano até a capital, a pé, na tentativa sagaz de buscar melhores condições de vida.

Por se passar em uma época de difícil conjuntura (ainda no século XX) agravada pela seca, Severino representa milhares de sertanejos afugentados por situação de miséria extrema, tendo como última alternativa se retirar. Em seu trajeto, Severino encontra e vivencia ocasiões típicas do nordeste do século XX e antecedentes, como mortes precoces fruto da disputa por terra e a falta de trabalho, por exemplo. Ao passar por uma inóspita vila de casebres em pleno sertão seco, se depara com uma senhora rezadeira na janela, e pela longa e insistente conversa que tem com ela, observa serem inúteis os ofícios que desempenha como lavrar ou arar, restando a fatigante tarefa de enterrar defuntos.

Em seu percurso, Severino passa, ainda, pelo agreste pernambucano, em que mesmo notando diferenças fisiográficas com o sertão de onde saíra, nada consegue. Ao chegar a Recife, no litoral, momento o qual se discorre a segunda parte da obra, Severino senta-se na calçada de um cemitério e escuta a conversa dos coveiros que dialogam sobre a realidade de seu trabalho na capital. Descrevendo o abismo social dos pobres e sertanejos frente aos mais afortunados quando são enterrados, questionando ainda não entenderem os imigrantes do sertão que veem na capital algum progresso, mas só encontram a morte, em virtude das dificuldades que também existem na vida urbana, sobretudo, decorrentes da falta de emprego.

Em seguida, Severino participa observando, do nascimento de um filho de moradores da periferia do Recife, em uma área de manguezal da cidade. Na oportunidade, a criança é presenteada ao nascer, passando por uma espécie de ritual, demonstrando, por fim, a realidade miserável por qual passam os moradores da cidade grande, mesmo não sofrendo com a seca, porém padecem por problemas de ordem social.

Dessa maneira, entende-se que a obra literária em questão narra, através da poesia, fidedignamente a realidade espaço-temporal vivida por milhares de pessoas no Nordeste brasileiro em meados do século XX, período em que a obra foi escrita, marcado pela brutal existência de problemas sociais acarretados, em certa medida, pela seca e pela ausência de políticas de promoção social. Assim, é possível refletir acerca de alguns conceitos lançados na obra, e outros necessários a discussão de que este trabalho se propõe, da relação da literatura com a Geografia.

**2.** **Literatura e Geografia: uma aproximação necessária para o ensino**

A literatura vem sendo apresentada como uma possibilidade concreta de dinamizar o ensino. Seja como forma de complementar o conteúdo a ser abordado pelo professor ou ainda como mecanismo de apreensão da realidade de um determinado contexto histórico. Por essas duas vias acredita-se ser ela potencialmente capaz de incrementar o ensino da Geografia de forma interdisciplinar, aliando a literatura com a Geografia. Pois, nas palavras de Cândido (2004, p. 175):

[...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

Como a obra utilizada nesse trabalho trata-se de uma narrativa inserida em um movimento literário específico, o modernismo. Este se apresenta como de fundamental importância por reunir obras de autores preocupados em discutir temas sociais entranhados na conjuntura regional da época. Assim, como o tema central da obra e o clímax desse trabalho, é a migração, essa se configura como um processo de expropriação e exploração dos indivíduos acarretados pelo desenvolvimento do capitalismo (DAMIANI, 1991).

Todavia, dentro do contexto da ciência geográfica, com enfoque no estudo da população, entende-se a migração como mobilidade espacial população, uma vez que Becker (2006) a define como um processo de deslocamento no espaço geográfico, refletindo sobre as relações dos indivíduos, e destes com a natureza.

É notória na obra que o processo de mobilidade espacial da população está atrelado a uma série fatores, a exemplo o latifúndio, que sobre o enfoque neomarxista pode-se configurar como uma fator de repulsão, pois no estudo da mobilidade considera-se não somente a vontade soberana mas fatores de ordem social embutidas na decisão de migrar (BECKER, 2006).

Uma das mazelas sociais enfrentadas pelo Severino é justamente a consequência resultante da concentração fundiária brasileira, uma vez que “[...] quem não tem terra transforma-se em um pária da sociedade. Transforma-se em refém de quem tem muita terra [...]” (STÉDILE, 2000, p.170).

É mister a intrínseca correlação existente entre as temáticas geográficas e a literatura, sendo esta social como expressão da vivência do homem na natureza. E, portanto, é uma ferramenta essencial na construção da percepção espacial a acerca dos fenômenos geográficos, ao que nos compete aqui um olhar geográfico sob a obra de Cabral em questão.

**3. A Morte e Vida Severina sob um olhar geográfico**

A narrativa literária “Morte e Vida Severina” ao tratar da jornada vivida por Severino, exalta a condição difícil do sertanejo frente a problemática da seca, que assola o Nordeste, típica de regiões semiáridas. Esta possui características físiográficas particulares, que a distingue das demais regiões semiáridas do continente Sul-Americano, como sendo “a grande região seca – a mais homogênea do ponto de vista fisiográfico, ecológico e social dentre todas elas – constituída pelos sertões do Nordeste brasileiro” (AB’SABER, 2003, p. 83).

Tal fenômeno, aparece como um dos fatores de repulsão de Severino a caminhar pelo sertão de Pernambuco, configurando o cerne da obra. A princípio, o mesmo tenta se identificar para o leitor, mas entra em um conflito de auto definição, por uma série de fatores como, por exemplo, a similaridade de seu nome, Severino, com outros do seu lugar, utilizando-se, ainda, da localização geográfica para se diferenciar dos demais Severinos. Porém, o que de fato lhe distingue é o estado de emigrante, como se percebe no fragmento:

“[...] Mas, para que me conheçam

melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir

a história de minha vida,

passo a ser o Severino

que em vossa presença emigra.” (MELO NETO, 1994, p. 172,)

Ainda nesse fragmento é notória a assimilação da realidade vivida pelo personagem como símbolo da vida de muitas pessoas que se igualam pela mesma condição social, caracterizando os vários Severinos. Dessa forma, ele, prosseguindo seu percurso tomando como referência geográfica o rio Capibaribe, vê-se frustrado ao se deparar com a descontinuidade do curso do rio, sendo esta uma peculiaridade da hidrografia do semiárido Nordestino, que é a intermitência dos rios. Expresso no trecho:

“[...] Pensei que seguindo o rio

eu jamais me perderia:

ele é o caminho mais certo,

de todos o melhor guia.

Mas como segui-lo agora

que interrompeu a descida?” (MELO NETO, 1994, p. 176)

Frente a essa situação, o eu-lírico faz uso da metáfora, do interrompimento do rio com a possível pausa da viagem de Severino, pois este revela uma preocupação com tal fato, se o rio – “caminho mais certo” – havia cessado, também seria a hora de parar e procurar trabalho. Ao chegar em uma inóspita vila encontra uma rezadeira com a qual dialoga procurando trabalho, e percebe que apesar de ter vasta experiência na lida com a agricultura e o gado, é inútil diante da fragilidade naquele momento. Assim, esta literatura possibilita conhecer algumas as características da paisagem nordestina, como a pedregosidade do solo e a vegetação raquítica do local, bem como a diferença geográfica do sertão com a zona da mata pernambucana, por ser uma área de terra úmida, com rios perenizados e uma boa disponibilidade de água subterrânea e superficial, proporcionando o plantio, sobretudo da cana de açúcar, cultura tipicamente desenvolvida naquele lugar.

O autor, ao relatar sobre a situação por qual passava os nordestinos naquela época, mantém ao longo da obra uma íntima relação com a morte, seja pela presença naquele seio social, mas também no próprio título do poema. Fazendo-nos refletir sobre a condição miserável a qual estes sujeitos estavam fadados a conviver, vítimas não só do fenômeno da seca, como também do desamparo por parte do Estado. Visto que a morte era a grande consequência e as vezes a única certeza que reinou durante muito tempo na região semiárida do nordeste brasileiro, como bem ilustra a estrofe abaixo:

“Desde que estou retirando

só a morte vejo ativa,

só a morte deparei

e às vezes até festiva; [...]”

(MELO NETO, 1994, p.177)

Perante a temporalidade da obra e da conjuntura que propõe retratar, o Nordeste que teve durante muito tempo a migração como um fenômeno peculiar, mas muitos outros problemas existiam e o autor da obra traz à baila em seu texto, a grande concentração fundiária e a morte por disputa por terra. Problemas esses evidenciados pelo retirante Severino durante sua viagem que se ilustra nos versos a seguir que tratam do enterro de um lavrador que como muitos outros têm como única posse de terra, a cova para ser enterrado:

“Essa cova em que estás,

com palmos medida,

é a cota menor

que tiraste em vida.

É de bom tamanho,

nem largo nem fundo,

é a parte que te cabe

neste latifúndio.” (MELO NETO, 1994, p.183)

Contrapondo a severidade da vida no sertão, a realidade enfrentada por Severino na capital pernambucana, Recife, se mostra dura e difícil, pois, apesar de condição natural aparentemente distinta, a capital abriga também a miséria de pessoas que sofrem com a falta de emprego e moradia, vivendo em condições insalubres nas periferias da cidade. Tal fato leva Severino a refletir sobre os resultados de sua trajetória:

“Nunca esperei muita coisa,

é preciso que eu repita.

Sabia que no rosário

de cidade e de vilas,

e mesmo aqui no Recife

ao acabar minha descida,

não seria diferente

a vida de cada dia [...]” (MELO NETO, 1994, p.186)

Nesse sentido, entendemos que a obra narra através de um personagem específico não somente sua vida, mas um símbolo da trajetória de milhares de nordestinos que se sujeitaram durante muito tempo a uma longa fase de miséria e aviltamento chamando a atenção do leitor pela fidelidade com o real do texto literário.

**4. “Morte e Vida Severina” e o estudo da mobilidade espacial da população no Nordeste**

A região Nordeste foi durante muito tempo, destaque no cenário nacional em virtude da expressiva forma com que se deu o processo da dinâmica migratória no território, como tem revelado dados oficiais antigos (OJIMA e FUSCO, 2014, p. 13). Por essa razão é imprescindível - dada a natureza deste trabalho - estabelecer uma correlação da mobilidade espacial da população nordestina no passado e no presente.

A temporalidade a qual a narrativa literária “Morte e Vida Severina” retrata, dá ênfase à vida do sertanejo nordestino vítima de problemas tanto de ordem natural (como a seca) como sociais, estabelece o perfil em cima do personagem Severino, de milhares de pessoas que se deslocaram pelo país, saindo do Nordeste, em busca de melhores condições de vida.

No entanto, é preciso elucidar quais foram os fatores de repulsão e os que atraiam essas pessoas no local de destino. Pois como enfatiza Fusco e Ojima (2014, p. 14), citando os motivos clássicos da migração:

Às vezes, expulsos de sua terra natal por causa das secas, fenômeno climático que atinge grande parte do Nordeste de forma crônica, outras vezes (ou simultaneamente) atraídos pelas oportunidades resultantes de atividades econômicas em expansão, os migrantes do Nordeste se moveram em grande número, somando aproximadamente 300 mil pessoas durante os primeiros anos do século 20.

Outros fatores, não menos importantes, foram o latifúndio que sujeitou o sertanejo a falta de terra para estabelecer plantio, a pobreza, resultante da falta de emprego para sustentar as famílias, pressionando fortemente o nordestino a migrar para outras regiões em busca de sobrevivência.

Basicamente foram três, os principais destinos dos nordestinos: a Amazônia no século XIX em virtude da extração da borracha; a saída para a região sudeste no século XX; e em 1960 em direção ao centro-oeste do país, parte dela influenciada pela expansão agrícola (OJIMA; FUSCO, 2014).

Esse quadro de migração começa a sofrer uma reviravolta a partir da década de 1980, onde inicia-se uma transição caracterizada como migração de retorno, conforme desta Ojima e Fusco (2014, p. 21) “A década de 1980 representou o momento de duas mudanças importantes: a diminuição do fluxo de emigrantes e o aumento do número de retornados para o Nordeste”.

Embora tenha diminuído a intensidade dos problemas sociais e tenha-se observados avanços econômicos sobretudo em investimentos na região, a população continua a migrar, mas em menor escala, o que predomina é a migração de retorno. Já que como “Com o arrefecimento dos movimentos migratórios de longa distância, outros tipos de mobilidade passam a assumir maior peso tanto em termos gerais como nos seus aspectos seletivos e qualitativos” (OJIMA; FUSCO, 2014, p. 25).

Assim sendo, entendemos que a realidade sócio espacial da população nordestina, mudou, e pode-se dizer que o Severino do século XXI embora ainda tenha que conviver com uma grande concentração fundiária que persiste no Brasil e com a seca, não sofre mais como sofria da pobreza, tendo a chance de lutar por sobreviver sem sair do seu lugar de origem, ou migrando no interior da própria região, caracterizando a migração intrraregional. Pois os Severinos contemporâneos, aprenderam a conviver com a mesma região seca da qual não conseguiam, em virtude da transformação pela qual o Nordeste passou.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desta forma, reforçamos o caráter interdisciplinar e potencializador do uso da Literatura no entendimento do espaço geográfico, principalmente no contexto educacional. Uma vez que por meio de “Morte e Vida Severina” podemos refletir uma série de fenômenos do espaço geográfico, decorrentes da mobilidade espacial da população no Nordeste.

É perceptível ainda a compreensão imbricada metaforicamente ao longo do enredo, de que o *status* de para migrante Severino o diferencia dos outros, ou seja, por muitos anos o que caracterizou o Nordeste foi o a migração com destino ao Sul. Apesar de hoje esta dinâmica migratória não ser tão presente, o texto literário nos apresenta poeticamente em uma visão holística do processo, possibilitando um leque de *feedback* na compreensão contextualizada da produção sócio cultural deste povo.

Portanto, o caráter deste escrito seria apenas um exercício/ensaio, ainda com poucos elementos de investigação, que a sua consecução pôde abrir possibilidades de uma agenda de pesquisa mais ampliada, considerando a multidisciplinaridade possibilitada pela Geografia, especialmente com a literatura, como é o caso.

**REFERÊNCIAS**

AB’SABER, Aziz Nacib. Caatingas: o domínio dos sertões secos. In:\_\_\_\_\_\_ **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades regionalistas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.83-101.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, conceitos. In. CASTRO, I. E.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. (Orgs.). **Explorações geográficas**. Percursos no Fim do Século. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 319-343.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base, 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 21/09/2018.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/ Ouro sobre Azul, 2004.

DAMIANI, Amélia**. População e geografia**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra Completa**: Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. (org.). **Migrações nordestinas no século 21**: um panorama recente. São Paulo: Blucher, 2014.

PRODANOW, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Método Científico. In: **Metodologia do trabalho cientifico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 29-39.

SAKAMOTO, Leonardo. Viagem às terras que inspiraram a obra "Morte e Vida Severina. **Estudos Avançados**, v. 16, n. 44, 2002, p. 277-291. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000100017>. Acesso em: 21/09/2018.

STÉDILE, João Pedro. O latifúndio. In:\_\_\_\_\_\_SADER, Emir (Org.). **Sete pecados do capital**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

1. Este trabalho é fruto de uma inquietação que surgiu no âmbito da disciplina de Geografia da População, da UERN, *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia. [↑](#footnote-ref-1)